

## Terminologia Geográfica

- VALO** — Corte profundo em forma de V, em terras para dividir pastos, e evitar a passagem do gado. (A.A.M.)
- VARADOURO** — Atalho. Trilha aberta na mata para ligar dois rios, cortando a mesopotâmia perpendicularmente. Vereda que liga duas estradas de seringa. Caminho que salva por terra uma cachoeira. Por êle se varam as canoas da parte de baixo para a parte de cima. (R.M.)
- VARANDA** — Terraço coberto na frente ou nos lados das habitações (Amazônia e Nordeste), ou a sala comum de jantar no Amazonas. (A.A.M.)
- VÁRGEA** — Várzea. Terra nova levantada pela sedimentação fluvial. Planície que alaga nas cheias. Quase tôdas as margens do Amazonas e seus tributários são orladas de várzea, sôbre a qual a vegetação é surpreendente de vida. (R.M.)
- VATICANOS** — “Gaiolas” de 900 a 1 000 toneladas, construídos na Holanda, que ao presente trafegam na Amazônia. São os maiores navios fluviais do momento, confortáveis, camarotes e camarinhas telados, máquinas sôbre o convés, três toldas. Movidos por duas hélices, embora de pouca marcha, oito a nove milhas, poucas embarcações oferecem comodidades iguais, tão amplos, arejados, limpos se mostram em todos os departamentos. De noite, iluminados a luz elétrica, parecem palácios flutuantes, advindo-lhes certamente dessa impressão que deixam, o nome de *Vaticanos*. (R.M.)
- VELA** — Pano propulsor das embarcações. Asa de navio. Abundante no estuário do Amazonas, à proporção que se navega pela formidável corda a dentro, ela vai desaparecendo. Cessa completamente nos estreitos de Breves, a 120 milhas de Belém, onde só existe o remo de mão, porque aí o vento mal penetra. Depois dêsse meandro de canais ela ressurge. Gurupá, Prainha, Monte-Alegre, Santarém, Óbidos, Faro, Parintins, possuem algumas canoas a vela. Chega mesmo a Manaus. Daí para cima é rara, não só porque a corrente é forte, privando a embarcação do bordejo, como porque os ventos aliseos escasseiam, atraídos pelos focos de campinas e savanas para onde assobiam e galopam. (R.M.)
- VENTOS** — Correm no Amazonas os ventos de baixo para cima, isto é, do oriente para o ocidente. Conhecidos por *aliseos*, êles sopram ao arrepio da corrente. Depois de atravessarem o Atlântico, onde se carregam de umidade, enfiam-se pela grande artéria fluvial. No verão, de julho a dezembro, sopram com violência, refrescando a região. Diariamente param das 17 horas às 21, fazendo a tarde amazônica profundamente quente. O fato, entretanto, sofre uma grande exceção no estuário do Tocantins, ou seja pela parte leste de Marajó, onde o vento conhecido por *marajó* cai das 16 horas em diante, refrescando deliciosamente a temperatura do fim do dia e das primeiras horas da noite. Belém, capital do Pará goza dêsse fenômeno pela sua posição geográfica. No alto Amazonas e seus afluentes, na região das nascentes fluviais, existe a friagem, queda brusca da temperatura que vai às vezes a uma semana, e se repete, de acôrdo com o ano, duas, três, cinco vezes, de maio a setembro. São as correntes aéreas que se invertem. Os ventos que sopravam do mar vêm, nessa época, de cima das cordilheiras, afiados nas neves e nos gelos da montanha. Esta repentina mutação climática produz a morte de animais e a paralisia da vida. Em certos anos a friagem vai até Parintins; noutros mal chega a Manaus. (R.M.)
- VIGILENGA** — Canoa de pescador. Bôca aberta, as velas parecem asas de morcego. Quase redonda, amara-se Atlântico a fora dias e dias. Os primeiros modelos saíram da Vigia. Daí lhe vem o nome. Em geral tem o casco negro e o pano avermelhado, tingido de murici. Também conduz caranguejos em cofos. (R.M.)
- VIRAÇÃO** — Processo para apanhar tartarugas nas praias em época da desova, (setembro e outubro). Diz a crendice que a tartaruga-mãe traça na areia, a marcha inclinada e de esguelha, com a aresta da carapaça, linha em largo semi-círculo. Isto feito, aglomeram-se nesse perímetro as demais a cavar sulcos com os bordos dianteiros da carapaça, para aí depositar os ovos. Eis quando largam-se da tocaia pescadores a aproveitar prestes a fadiga dos

animais, que são virados “de peito para cima” e assim impossibilitados “na marcha”. São verdadeiras devastações porque além da fartíssima colheita segue-se a dos ovos, apanhados quiçá aos milheiros. Pernicioso e anti-econômico sistema até hoje em execução, de sorte a sentir já a população do grande vale dificuldades na obtenção do alimento usual, hoje caríssimo e tornado raro em certos rios. (A.A.M.)

VIVEIROS — Pontos ou locais do mar na contra-costa do Pará, abundantes, “fartos” em gurijuba e outros peixes, como a tainha, que aflui em grandes cardumes. (A.M.)

---

“TABELA DAS ÁREAS DOS QUADRILÁTEROS SÔBRE O ELIPSÓIDE DE REFERÊNCIA INTERNACIONAL”

*No trabalho inserto sob este titulo, no número 3, ano VII, pág. 490, desta Revista, foi omitido o nome do seu autor Prof. FÁBIO DE MACEDO SOARES GUIMARÃES, chefe da Secção de Estudos do Serviço de Geografia e Cartografia do Conselho Nacional de Geografia que, na elaboração do referido trabalho contou com a cooperação dos Srs. PAULO AFONSO BARBOSA DA SILVA e ALÍRIO CARLOS DE MATOS, também funcionários do mesmo Serviço.*